

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

A JUVENTUDE BRASILEIRA E O DECLÍNIO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Letícia Gomes Teófilo da Silva¹

Vanice Schossler Sbardelotto²

Eixo temático: Trabalho docente e formação de professores

Nas últimas décadas, a escassez de professores na educação básica tem sido amplamente debatida e sido objeto de discussões, estudos e relatórios. (Bof; Caseiro; Mundim, 2023; SEMESP, 2022, 2023). O Brasil enfrenta uma iminente crise no que diz respeito à quantidade de professores qualificados para lecionar na educação básica, fenômeno conhecido como "apagão docente".

Gatti (2010) explica que as licenciaturas são cursos que, pela legislação, têm por objetivo formar professores para a educação básica: educação infantil (creche e pré-escola); ensino fundamental; ensino médio; ensino profissionalizante; educação de jovens e adultos; educação especial. As licenciaturas são as responsáveis pela formação de professores para a educação formal desde a infância até a fase adulta e desempenham um importante papel na preparação de educadores qualificados, fundamentais para o desenvolvimento intelectual e social dos estudantes em toda a educação básica. A formação abrangente proporcionada pelas licenciaturas é vital para atender às diversas necessidades educacionais da sociedade, refletindo a importância de políticas públicas que sustentem e promovam esses cursos de formação de professores. Negligenciar esses cursos é o mesmo que negligenciar o sistema educacional como um todo.

O Instituto Semesp, do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo, realizou um estudo que mostra um possível déficit de

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus Francisco Beltrão. E-mail: leticia.silva130@unioeste.br

² Doutora em Geografia, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Francisco Beltrão. E-mail: vanice.sbar@gmail.com

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

235 mil professores no ano de 2040, caso nada seja feito para reverter o quadro atual, em especial em áreas como Física e Sociologia. (SEMESP, 2022). Essa carência projetada se deve a inúmeros motivos, como por exemplo a diminuição da procura pelos cursos de licenciatura, o alto índice de desistência da profissão logo nos primeiros anos de carreira, a futura aposentadoria de muitos educadores em atividade, a baixa atratividade da docência, o pouco reconhecimento social e remuneração indevida da profissão (SEMESP, 2022).

O último Censo da Educação Superior (2024) mostra que desde 2014 a quantidade de ingressantes em licenciaturas está caindo, o que pode indicar uma falta de interesse dos jovens em seguir carreira no magistério da educação básica. Aliado à queda nas taxas de matrículas nos cursos de licenciatura, há um processo de dismantelo e desprofissionalização no trabalho docente. O problema atual de escassez docente se relaciona com um processo de desvalorização da carreira em si.

Neste texto, pretendemos discutir as possíveis causas do afastamento dos jovens da carreira do magistério, como decorrência da situação do trabalho. A análise é realizada a partir de estudo bibliográfico, discutindo a juventude e a flexibilização das relações de trabalho, a precarização da profissão docente nos moldes trabalhistas neoliberais na sociedade atual. Parece-nos inegável que uma possível escassez de professores será desafio para um futuro próximo, pois com poucos interessados em ingressar nos cursos de licenciatura, não haverá formados suficientes para atuar como docentes.

Para questionarmos a respeito da falta de interesse dos jovens na escolha por cursos de licenciatura e a carreira do magistério, faz-se necessário primeiramente debater e contextualizar a respeito da juventude propriamente dita. Segundo Luís Antonio Groppo (2017), a juventude pode ser compreendida como uma “construção social e histórica que transcende a mera definição biológica ou etária”. Enfatiza que a juventude é um período da vida caracterizado por processos de formação da identidade, inserção no mercado de trabalho e participação ativa na vida social e política.

A juventude é um constructo social, formado a partir das interações entre os jovens e a sociedade, e não é homogênea. Essa fase é marcada por diversidades e desigualdades.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Diferentes grupos juvenis possuem formas diferentes de vivenciar a juventude, pois são influenciados por diversos fatores como classe social, gênero e etnia. “A juventude é uma fase de experimentação, construção de identidades e busca de autonomia, sempre em diálogo com as condições estruturais e as oportunidades oferecidas pela sociedade.” (Abramo, 1994).

Para Groppo (2017) e Abramo (1994), a juventude é um período de formação da identidade, que está intimamente ligado à educação. A escola e a universidade, por exemplo, desempenham influência na construção das identidades juvenis, já que por meio da educação, os jovens não apenas adquirem conhecimentos acadêmicos e formativos, mas também desenvolvem habilidades sociais que moldam sua percepção de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Como a juventude é uma fase de experimentação e construção de identidades, permanece em diálogo com as condições estruturais da sociedade. Isso significa que a qualidade e o tipo de educação recebida pelos jovens podem influenciar significativamente suas trajetórias pessoais e profissionais, bem como suas perspectivas de autonomia e inclusão social. Nesse contexto, a falta de professores qualificados não apenas leva a desigualdades que impactam o processo de construção identitária juvenil, mas também contribui para um desinteresse crescente dos jovens pela carreira do magistério. Por um lado, a carência de professores prejudica a formação desses jovens, e, por outro, a precarização da carreira docente faz com que eles não se sintam atraídos pela profissão.

Outro fator refere-se à inserção no mercado de trabalho, que é um aspecto fundamental para a juventude. Essa inserção vem marcada por profundas transformações nas dinâmicas laborais e suas implicações na escolha profissional. O cenário laboral contemporâneo está intrinsecamente ligado às transformações do modo de produção capitalista ocorridas nos últimos cinquenta anos, o que desencadeia a remodelação do papel estatal, novas relações de trabalho e intensificação da precarização das condições e vínculos trabalhistas. (Moura; Mendes Segundo; Aquino, 2022).

A flexibilização e precarização das relações de trabalho, fenômenos discutidos por autores como Antunes (2022) e Abílio (2020), têm exercido um impacto significativo na



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

despesas essenciais para o exercício de suas atividades, como computador, internet de qualidade, livros e recursos didáticos.

Fazendo um paralelo com a discussão sobre a uberização da profissão docente, podemos observar uma tensão entre essas duas perspectivas. A uberização, caracterizada pela flexibilização e precarização das condições de trabalho, contrasta com a profissionalização defendida por Gatti (2010). Professores que trabalham em condições de "uberização" enfrentam falta de estabilidade, ausência de plano de carreira e vínculos trabalhistas frágeis, o que dificulta o desenvolvimento de uma identidade profissional sólida e a aquisição de uma base consistente de conhecimentos e práticas.

Além disso, a precarização do trabalho docente através dessa flexibilização trabalhista contribui para a desvalorização da profissão, tornando-a menos atraente para os jovens. Embora a uberização não seja a única causa do afastamento dos jovens da docência, o fenômeno pode ser entendido como um fator que fragiliza ainda mais as condições de trabalho em carreiras que tradicionalmente exigiam maior estabilidade e compromisso. Isso agrava a escassez de professores qualificados, criando um ciclo vicioso onde as condições de trabalho deterioradas afastam potenciais educadores.

Esse cenário de precarização e desvalorização tem impactos que influenciam no interesse dos jovens pela carreira docente, um problema que vem sendo apontado por diversos estudos. A Organização para a OCDE (2018) divulgou relatório apontando que o interesse pela carreira docente caiu de cerca de 7,5% para apenas 2,4%, entre brasileiros na faixa dos 15 aos 17 anos. Outro estudo que aponta dados do Ensino Superior (Instituto SEMESP, 2022) mostram que apenas 52,0% dos estudantes de licenciaturas são da faixa etária mais jovem, até 29 anos, contra 66,9% dos demais cursos de graduação, diferença de 14,9 pontos percentuais. Isso demonstra uma queda no ingresso de jovens nas licenciaturas (Instituto SEMESP, 2022). Nessa mesma pesquisa alguns especialistas na área da educação superior foram entrevistados e emitiram opiniões e reflexões sobre a perspectiva do futuro das licenciaturas no Brasil:

A preocupação com o apagão de docentes na educação básica não é de hoje. Esse é um problema estruturante que o Brasil não consegue resolver. De



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

que, em razão das condições limitadas, dificilmente terão a oportunidade de ingressar em instituições de ensino superior (públicas, especialmente). Além disso, os autores ainda enfatizam que a educação superior tem atuado como dispositivo reafirmador das hierarquias entre classes. Sustentada pelo descompasso presente na distribuição institucional da cultura, esse nível de formação tem cumprido um papel estratégico nos processos de manutenção e ascensão social.

Podemos inferir que a precarização da profissão docente nos moldes trabalhistas neoliberais representa um grande desafio para a educação pública brasileira. O fenômeno da uberização do trabalho reflete um cenário de desvalorização contínua do magistério. É notável que esse contexto desestimula novos ingressos na carreira docente, agravando a escassez de professores qualificados. A percepção negativa da profissão entre os jovens, intensificada pela baixa atratividade salarial e reconhecimento social, resulta em um déficit crescente de docentes. A flexibilização das relações de trabalho imposta pelo neoliberalismo não apenas precariza o trabalho docente, mas também impede a construção de uma educação de qualidade. Para reverter esse quadro, é necessário reavaliar as políticas educacionais, proporcionando melhores condições de trabalho e valorizando a carreira docente.

O declínio na formação docente pode estar ligado às novas dinâmicas do mercado de trabalho. A flexibilização e precarização das relações laborais desestimulam os jovens a optarem por carreiras que exigem um comprometimento a longo prazo e que oferecem pouco retorno financeiro e reconhecimento social. A juventude, em sua busca por autonomia e realização pessoal, tende a optar por alternativas de trabalho que, embora precárias, oferecem uma flexibilidade e uma ilusão de liberdade que a carreira docente, em seu estado atual, não proporciona.

A desprofissionalização docente afeta a percepção da profissão entre os jovens ao desvalorizar o papel do professor na sociedade. Quando a profissão é vista como instável, mal remunerada e pouco reconhecida, os jovens podem tender a enxergar a docência como uma opção pouco atraente. É visível que essa redução no interesse pela profissão de professor, refletida pela queda nas matrículas e taxas de conclusão nos cursos de licenciatura, representa



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

uma ameaça para a qualidade da educação no Brasil. A escassez de profissionais formados resulta em turmas superlotadas, aumento da carga de trabalho para os docentes que já estão atuantes e, por fim, um ensino bem menos eficaz. Em resumo, o contínuo declínio no número de jovens que escolhem a carreira docente ameaça a sustentabilidade do sistema educacional brasileiro a longo prazo.

Para uma possível reversão deste cenário, faz-se necessário compreender as motivações e desmotivações dos jovens em relação à carreira docente. A pesquisa e o debate sobre as condições de trabalho docente e as novas dinâmicas do mercado de trabalho são essenciais para desenvolvimento de estratégias que possam atrair novas gerações para a profissão.

Palavras-chave: trabalho docente; formação docente; apagão docente; juventude.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. Uberização e juventude periférica. **Novos Estudos do CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 579-597, set./dez. 2020.

ABRAMO, H. **Cenas juvenis**. São Paulo: Scritta, 1994.

ANTUNES, R. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. *In*: ANTUNES, R. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2022.

BOF, A. M. et al. Carência de professores na educação básica: Risco de apagão? **Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais**. v. 9. Brasília: Inep. 2023.

Censo da Educação Superior 2024. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Brasília: Ministério da Educação, 2024.

CRUZ JUNIOR, G.; CAPARRÓZ, F. E. A juventude rumo à docência: considerações acerca da formação profissional em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 1, p. 145–159, jan. 2013.

GATTI, B. A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

GROPPO, L. A. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análises sociológica das juventudes. **ULTIMA DÉCADA**, n. 33, CIDPA VALPARAÍSO, dez., 2010.

GROPPO, L. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiáí: Paco, 2017

INSTITUTO SEMESP. **Mapa do Ensino Superior**. 13. ed. São Paulo: Instituto SEMESP, 2022. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa/home/>. Acesso em: 07 abr. 2024.

MOURA, L. R. de; MENDES SEGUNDO, M. das D.; AQUINO, C. A. B. de . Do docente efetivo ao docente uberizado: a precarização contratual do professor no Brasil. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 67–85, 2022. DOI: 10.35699/2238-037X.2021.29404. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/29404>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OECD). **Relatórios Econômicos OCDE: Brasil 2018**. Paris: OECD Publishing, 2018. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/economics/relatorios-economicos-ocde-brasil-2018_9789264290716-pt. Acesso em: 26 ago. 2024

